

Crítica Espírita

criticaespirita@gmail.com



ANO IV—#46

Vitória/ES

Outubro de 2018





Crítica Espírita

criticaespirta@gmail.com

Editor

Raphael Faé Baptista

Editores:

Felipe Sellin

Colaboram nessa Edição:

Eric Luiz C. de Macedo

Felipe Sellin

Raphael Faé Baptista

Sinuê Neckel Miguel

Tuanne Almeida

Crítica Espírita

criticaespirta@gmail.com

ANO IV-44

VOLUME 75

Setembro de 2018



Edição nº 45—Setembro de 2018

6.713 seguidores na página

11.627 pessoas alcançadas

393 curtidas em publicação

177 compartilhamentos

Interaja conosco, sua opinião é muito importante para nós:

criticaespirta@gmail.com

Editorial

O momento sociopolítico atual expôs as feridas abertas e as idiosincrasias do movimento espírita brasileiro. Imersos numa onda de recrudescimento da intolerância política, com tanta tecnologia disponível para a guerra de informações e muitos interesses corporativos em jogo, estamos sendo tragados para mais uma perigosa e imprevisível dinâmica de enfrentamentos.

Não nos cabe, aqui, discutir esse fenômeno, que está sendo fartamente tratado nas mídias, principalmente as internacionais. O nosso intento é compreender como parcela considerável dos espíritas apoia posturas, falas e pessoas que defendem pautas antivilizatórias.

Ao longo de nossas edições, temos percebido os sintomas desse tempo no meio espírita. Basta dizer coisas óbvias – que ninguém deve passar fome, que as mulheres ainda têm uma luta por respeito e dignidade, ou que direitos humanos é um tema importante – para que surjam pessoas contrárias a isso, em nossa página no Facebook, alegando que é comunismo, coisa de esquerda, e coisas do tipo. Dizem que somos espíritos de porco, infiltrados, obsidiados, irresponsáveis, defensores do aborto, de corruptos, que devemos estudar Kardec, que isso, que aquilo.

Acredito que, pela primeira vez, uma mídia espírita fez entrevista com candidatos à Presidência da República. Não foram todos, seja pelo trabalho que isso gera, seja porque

as propostas de alguns candidatos não nos pareciam merecedoras de crédito. Mas não faltaram aqueles que, esquecendo-se que esse jornal é um projeto voluntário, vieram nos xingar de hipócritas, “obnubilados pela esquerda”, por não termos entrevistado candidatos “de direita”, que criticamos Bolsonaro, que é “a favor da família e da vida”, e deixarmos o PT de lado, e que não podemos influenciar o livre arbítrio das pessoas.

A verdade é que, por meio do livre arbítrio,

a defesa do mal saiu dos esgotos, do submundo da vida privada, e agora se mostra despidamente em público. Destila-se livremente o ódio, com ódio. E no Brasil, uma sociedade ainda estruturalmente patriarcal e escravocrata, temos ódio de sobra e reflexão de menos. E já estão surgindo as primeiras vítimas de um cenário de horror que promete o pior.

Como uma doutrina filosófica, o espiritismo não está imune ao contexto cultural que o abriga, onde é repensado a partir dos horizontes que caracterizam determinada sociedade. Para a nossa, resta compreender o espiritismo a partir das lentes ideológicas e práticas do capitalismo, da competição, da moral individualista e do consumo, quando as categorias espíritas – espírito, alma, reencarnação, causa e efeito, leis morais, fraternidade, caridade, etc. – entram na lógica do capital, do lucro e da circulação de mercadorias, restando uma verdadeira e corajosa teoria e prática da moral e dos afetos fora das cogitações espíritas.

Para ajudar a refletir sobre o que estamos passando, nesta edição contamos com a participação de Sinuê Neckel Miguel, doutor em Ciências Sociais, e de Eric Luiz de Macedo, advogado, Tuanne Almeida, Assistente Social todos trazendo apontamentos, luzes, inquietações e questionamentos sobre isso tudo que estamos vivendo no plano político e suas repercussões em nossa vida cotidiana.

Talvez as futuras gerações (espíritas ou não) tenham dificuldade em entender este tempo. O que estamos tendo é uma aula prática de fascismo – de como pessoas comuns são facilmente seduzidas pelo ódio e pela intolerância –, e vendo que nem mesmo um golpe militar é necessário para implantar uma ditadura quando a maioria da população a deseja pela própria via da democracia.

Tenham uma excelente leitura!!

Os editores



O ESPIRITISMO NO TURBILHÃO NEOFASCISTA

Estamos vivendo um dos mais graves momentos da nossa história, que pode ser caracterizado pela revivescência do autoritarismo e da violência política, mobilizados contra a esquerda – em todo o seu amplo espectro político. Em termos mais amplos ainda, o caráter neofascista das forças em ação nos empurra para um horizonte sombrio de obscurantismo intelectual, de irracionalismo e ódio turbinados pela manipulação massiva das novas tecnologias da comunicação. O resultado líquido que se projeta é não “apenas” a aniquilação física e simbólica da esquerda, mas uma regressão à barbárie e a derrocada da civilização. Este é um fenômeno que se delinea em nível mundial, mas que aqui no Brasil está se produzindo numa velocidade avassaladora, atropelando nossa capacidade de reflexão e de resistência.

O espiritismo, em meio a isso, poderia ser um bastião de resistência civilizatória, em

conformidade com seu ideário radicalmente humanista. Poderia ser um motor de mobilização ética e política ante a barbárie que nesse momento ameaça se instalar em nosso país.

Todavia, em razão da tradição histórica que se estabeleceu no movimento espírita brasileiro de configuração de um espiritismo politicamente neutro, avesso à reflexão e ao debate políticos, bem como à reprodução dos padrões ideológicos hegemônicos em nossa sociedade, o que acontece é justamente o contrário.

Hoje, verificamos um alinhamento de ampla parcela dos espíritas ao espectro ultra-conservador que está se impondo no Brasil. A intenção de votos no candidato neofascista chegou a espantosos 40% do eleitorado espírita e espiritualista, próximo ao percentual verificado entre evangélicos e bastante superior ao percentual registrado entre católicos. Ante tal fenômeno, com o temor da implosão de uma

mínima unidade simbólica e institucional exigida em qualquer comunidade de fé, os dirigentes do movimento espírita encontram-se paralisados. Quer dizer, mesmo aqueles que se inquietam com o avanço do ódio e da intolerância em curso, não encontram meios de agir. A cultura da neutralidade política nos atou. Enquanto movimento religioso, somos inaptos para a consciente ação política em favor dos mais elementares valores civilizatórios. Nosso discurso de amor, justiça, liberdade, igualdade, fraternidade e paz descolase da realidade, não encontra aderência ao mundo, e assim perde-se, abstrato, num etéreo imaginário resguardado para o além ou a um longínquo futuro de um “mundo de regeneração”. Encerra-se, então, no impraticável domínio do exclusivamente individual, esquecendo-nos que somos seres de relação, olvidando que o amor só é possível de modo relacional, expressando-se socialmente.



Ignora ainda, a vasta maioria dos espíritas, a existência de uma tradição espírita alinhada ao socialismo, que remonta aos primórdios do espiritismo na Europa e encontra forte expressão na América Latina, por exemplo, na Argentina de Cosme Mariño, Manuel Porteiro e Humberto Mariotti. No Brasil, ignora-se a defesa de um socialismo inspirado no ideário cristão, referenciado na comunidade apostólica dos bens, encontrado no discurso de Vinícius (Pedro de Camargo), em seu livro *Nas pegadas do mestre*, ou na obra *O Reino*, de Herculano Pires, o metro que melhor mediu Kardec, no dizer de Emmanuel. Ignora-se o diálogo crítico, respeitoso e inteligente, estabelecido com o marxismo por grandes intelectuais espíritas, como Porteiro e Herculano. Ignora-se, enfim, a exigência de uma consequente sociedade fraterna e igualitária em consonância com os princípios éticos espíritas.

Então, o terreno é fértil para a aceitação das mais bizarras e obscurantistas formas de demonização e criminalização de qualquer pensamento de esquerda. Inclusive por parte das nossas mais altas lideranças no movimento espírita.

O resultado disso só pode ser trágico. Infelizmente, temo, a exigência histórica de uma atitude responsável de reação às trevas que se abatem sobre a nossa sociedade não encontra no movimento espírita atual uma força de resistência. Com toda a probabilidade, o espiritismo no Brasil será, como já o foi na Ditadura Civil-Militar, uma religião anestesiada, levando seus adeptos à convivência com a barbárie. A esperança reside no aprendizado histórico e na capacidade de mobilização de todos aqueles e aquelas que, tomados de um íntimo sentimento de justiça, de exigência moral, não se permitam abater, não aceitem a normalização da sociedade

doentia na qual nos encontramos encarnados.

Nosso modo de vida capitalista tem engendrado toda uma série de doenças da alma – tornamo-nos tristes, deprimidos, estressados, atomizados, individualistas, consumistas, passivos, indiferentes ao outro, esvaziados de sentido transcendente. Estamos vivendo, no mundo todo, o paroxismo desta forma de sociabilidade que deve, urgentemente, ser superada.

Que a vitória sobre o neofascismo que está ameaçando o nosso presente seja também, quero crer, o início de um despertar para um horizonte societário renovado e superior, onde floresça um mundo de paz, amor e justiça social.

Sinuê Neckel Miguel é doutor em ciências sociais.





EVANGELHO NOS LÁBIOS, ÓDIO NO CORAÇÃO...

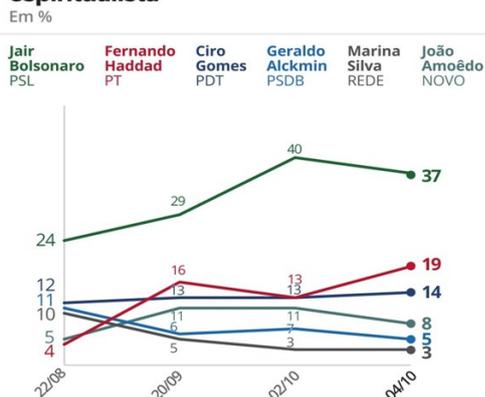
Mais uma vez estamos em ano eleitoral e, como já imaginávamos, o país encontra-se polarizado. Só que, diferente das eleições anteriores, essa polarização não é apenas partidária/ideológica, mas também moral.

De um lado do espectro político, temos um candidato representando um partido com integrantes envolvidos e condenados em esquemas de corrupção, mas que goza de plena capacidade eleitoral para a disputa do pleito, assim como traz o histórico de sempre jogar no campo democrático; do outro lado, temos um candidato que também goza de capacidade eleitoral para a disputa, mas que flerta de forma pública e notória com o autoritarismo, saudosista ferrenho de uma época sombria da história do Brasil que jamais deveria ser esquecida, justamente para não

ser repetida. Frases do tipo: “Vamos fuzilar a petralhada”(1); “Eu sou favorável à tortura, tu sabe disso”; “O erro da ditadura foi torturar e não matar”; “Deveriam ter sido fuzilados uns 30 mil”; “Ela não merece (ser estuprada) porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero”; “Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater”; “O filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um coro ele muda o comportamento dele”; “Eu fui num quilombo em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas”(2), e tantas outras proferidas pelo candidato que representa hoje a extrema-direita brasileira, podendo causar assombro e repulsa em muitas pessoas. Entretanto, isso não parece

ocorrer com alguns ditos cristãos, em especial espíritas, que na busca por justificar sua posição política, relativizam e às vezes até apoiam o autor de tais frases. Direcionarei esse texto em especial aos espíritas, uma vez que professamos (ou dizemos professar) a mesma doutrina filosófica de consequências morais. Apesar de já imaginarmos o que aconteceria nestas eleições, qual não foi a surpresa em constatar o número expressivo de espíritas apoiando o candidato da extrema-direita (autor das frases citadas acima) nas atuais eleições. Vejamos o gráfico das pesquisas Datafolha realizadas no dia 04 de Outubro (antes do 1º turno) e 10 de Outubro (após o 1º turno), onde mostra a adesão daqueles que se declaravam espíritas ao discurso do referido candidato.

RELIGIÃO: espírita kardecista, espiritualista



RELIGIÃO: espírita kardecista, espiritualista



Fonte: Datafolha



Infográfico elaborado em: 10/10/2018



Estas pesquisas se fazem coerentes, quando numa rápida visita aos perfis das redes sociais de alguns “confrades” espíritas constatamos de cara o slogan ou foto com nome e número do referido candidato que, como dito, representa hoje a extrema-direita brasileira. Como se não bastasse o apoio explícito (ou implícito, com curtidas ou compartilhamentos de vídeos e/ou postagens), ainda replicam falas e posicionamentos flagrantemente preconceituosos, apologistas da violência e do ódio às minorias (em representatividade) e “fundamentados” no mais absurdo senso comum e/ou nas famosas *fake news* (notícia falsa), sem se darem ao trabalho sequer de uma pesquisa rápida no Google sobre o assunto abordado. Quando não, óbvio, recorrem ao posicionamento de espíritas renomados como se fosse o posicionamento do próprio Espiritismo. Aliás, precisamos urgentemente aprender a diferenciar Movimento Espírita Brasileiro de Espiritismo! Duas coisas que nos dias atuais têm se mostrado antagônicas em muitos aspectos.

A título de exemplo, observa-se postagens sobre os amplamente desmentidos “Kit Gay” e “Ideologia de Gênero”, sempre citados por quem “fundamenta” suas opiniões em correntes de WhatsApp ou postagens no Facebook (ou qualquer outra rede social). A propósito, sobre o tema “ideologia de gênero”, recomendo um excelente texto de Elias Inácio de Moraes, mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás e espírita, intitulado “O

Espiritismo e a ‘Ideologia De Gênero’”, disponível para leitura no blog “Fronteiras do Pensamento (e da Atuação) Espírita”(5).Parte superior do formulário

Sobre as chamadas *fake news*, trago também as lições claras, embasadas e atuais do mesmo autor, no vídeo intitulado “**O Espiritismo na era das Fake News**”, disponível no YouTube(6).

Neste momento, se mostra oportuno também trazer as lições do mestre lionês Allan Kardec, quando assim nos esclarece:

[...] Aqueles que atribuem ao Espiritismo o que está contra a sua própria essência, o fazem, ou por ignorância ou com intenção; no primeiro caso, existe levianidade, no segundo, má-fé. Neste último caso, eles se assemelham a certos historiadores que alteram os fatos históricos no interesse de um partido ou de uma opinião.” (Kardec (7)

Com o pleito eleitoral de 2018, uma coisa ficou clara: muitos amigos, familiares e conhecidos espíritas “saíram do armário”. Não aquele “armário” comumente citado por muitos, mas o “armário” do reacionarismo. Muitos, nas tribunas e atendimen-

tos fraternos, falam de Jesus, evangelho, paz, amor e tolerância, porém trazem no coração a semente do ódio regada pelo discurso neofascista representado pelo candidato da extrema-direita nestas eleições, autor das frases citadas acima. As redes sociais são um excelente termômetro para essa constatação.

Inevitável não se indagar: O que acontece com essa parte do movimento espírita brasileiro, que relativiza e adota o discurso reacionário como sendo o ideal para representá-la? Por repulsa a um candidato ou partido é coerente adotar como representante um outro candidato que prega o ódio, exalta torturadores e fala abertamente em “fuzilar” seus adversários político-ideológicos?

Na tentativa de aclarar um pouco esses questionamentos, trago um texto do espírito Lamennais, intitulado “A hipocrisia”, publicado na Revista Espírita de Outubro de 1860:

“Deveria haver na Terra dois campos bem distintos: o dos homens que fazem o bem abertamente e o dos que fazem o mal abertamente. Mas, não! O homem não é franco nem mesmo no tocante ao mal, pois afeta virtude. Hipocrisia! Hipocrisia!

Deusa poderosa! Quantos tiranos criaste! Quantos ídolos fizeste adorar! O coração do homem é realmente muito estranho, pois pode bater quando ele está morto, pois pode, em aparência, amar a honra, a virtude, a verdade, a caridade! Diariamente o homem se prostra ante estas





virtudes e diariamente falta à sua palavra, desprezando o pobre e o Cristo. Diariamente é um tartufo e mente. Quantos homens parecem honestos porque a aparência muitas vezes engana! O Cristo os chamava sepulcros caiados, isto é, a podridão interna, o mármore por fora, brilhando ao sol. Homem!

Na verdade pareces essa morada da morte, e enquanto teu coração estiver morto, Jesus não te inspirará, Jesus, esta luz divina que não clareia o exterior, mas que ilumina interiormente.

A hipocrisia, entendi bem, é o vício da vossa época. E quereis fazer-vos grandes pela hipocrisia! Em nome da liberdade, vos engrandeceis; em nome da moral, vos embruteceis; em nome da verdade, mentis.”(8)

Cabe ressaltar também que, assim como nos dias atuais, em outros períodos sensíveis da história do Brasil onde a nossa democracia esteve ameaçada, um grupo de espíritas teve a coragem de se expor. No livro **“Movimento Universitário Espírita: religião e política no Espiritismo brasileiro (1967-1974)”**, do autor Sinuê Neckel Miguel, publicado pela Alameda Editorial, nos é mostrado que sempre existiu e sempre existirão aqueles que não se rendem ou se conformam a um Estado autoritário, mesmo que isso custe as suas liberdades. O trabalho foi fruto de uma detalhada pesquisa sobre a relação, pouco conhecida, de um grupo de espíritas no final da década de 1960 e início de 1970 com as grandes inquietações políticas desse momento histórico. O que demonstra que o caráter progressista do Espiritismo, quando bem estudado, compreendido e vivido, não dá margem para flertes com o autoritarismo, a tortura, o preconceito e todo discurso de ódio que disso possa derivar.

Não há como negar a evidente dificuldade em se entender as razões do espírita (com toda informação doutrinária que lhe é disponível) que escolhe como seu representante um candidato que prega notoria-

mente o ódio, a xenofobia, o preconceito e tantas outras mazelas sociais, além de idolatrar publicamente um torturador que, segundo relatos documentados, esturpava suas vítimas das formas mais terríveis possível. Essa simpatia de alguns por este candidato em especial nunca foi por supostamente ele ser honesto, ou supostamente defender a família, pois existiam outros honestos e defensores da família mais coerentes em todo o espectro político (direita, esquerda, centro, etc.). Essa simpatia talvez reflita muito sobre um estado íntimo que encontrou nele a caixa de ressonância para as suas particularidades comportamentais.

Nesta altura do campeonato, não se trata mais de simpatia por um ou outro partido ou candidato, trata-se de pautas incompatíveis com o bom senso. Não se trata mais de questão partidária, e sim de questão moral, pois se este candidato que hoje representa a extrema-direita brasileira, com todo o seu ódio e preconceito estiver certo, Jesus e Kardec estão errados. O que, por bom senso, não nos parece plausível.

Possivelmente alguns leitores tomarão conhecimento desse texto após a votação do 2º turno. Entretanto, independente de quem tenha saído vitorioso após a apuração das urnas, uma coisa está clara: nós, enquanto sociedade, perdemos. Perdemos, pois saímos dos nossos “armários” e colocamos para fora aquilo que tínhamos de pior dentro de nós: ódio, xenofobia, LGBTfobia, misoginia, racismo, relativização de vidas ceifadas e justificação do neofascismo. Perdemos, pois ainda que não tenhamos nos dado conta, são atitudes como estas que legitimam, direta ou indiretamente, a morte de inúmeras “Marielles” e inúmeros “Moas” espalhados pelo Brasil.

Sim, independente de quem tenha vencido nas urnas, nós saímos derrotados socialmente.

Eric Luiz C. de Macedo é espírita, advogado, pós-graduado em Direito.

NOTAS:

(1) Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GjgRUuaCHc>

(2) Frases do candidato disponíveis em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/14/interna_politica.951685/10-frases-polemicas-de-bolsonaro-que-o-deputado-considerou-brincadeira.shtml

(3) Pesquisa realizada antes do 1º turno das eleições disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/05/pesquisa-datafolha-de-4-de-outubro-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-regiao-religiao-e-raca.ghtml>

(4) Pesquisa realizada após o 1º turno das eleições disponível em: https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/11/pesquisa-datafolha-de-10-de-outubro-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-regiao-religiao-e-cor.ghtml?fbclid=IwAR1BhVRo_pKUYToiWdi9ti64VvHvMua-hClKHttIDCn-L6SE4d1LvCJB1Ak

(5) Texto: **“O Espiritismo e a Ideologia De Gênero”**, disponível em: <http://espiritismo-fronteiras.blogspot.com/2017/10/o-espiritismo-e-ideologia-de-genero.html>

(6) Vídeo: **“O Espiritismo na era das Fake News”**, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=q8OrEeKw3LY&feature=youtu.be&fbclid=IwAR2qpr3AUgfdwqRAn_txwuS3Eur5kEpWggdJUAhKmxTAQJ7FZEkiqJuttK8

(7) KARDEC, Allan, **“O que é o Espiritismo”**, tradução de Salvador Gentile, SP, EDE, 74ª edição, 2009, pág. 15.

(8) LAMENNAIS, **“A hipocrisia”**, publicado na Revista Espírita de Outubro de 1860, disponível em: <https://www.kardecopedia.com/roteiro-de-estudos/894/revista-espirita-jornal-de-estudos-psicologicos-1860/4835/outubro/dissertacoes-espíritas-recebidas-ou-lidas-por-varios-mediums-na-sociedade/a-hipocrisia-medium-sr-didier-filho>



Vamos subir todas(os) juntas(os)?

É verdade que estamos passando por um momento onde o medo toma conta de nós. Fiquei refletindo algum tempo sobre a origem desse medo e pensando se de fato ele deveria me paralisar (como fez nos últimos dias) ou serviria de alavanca pra me levar a lugares mais altos e longes. Toda essa sensação, mobilizada por um profundo discurso de violência e ódio, tem tomado conta das nossas relações e tem-nos feito, por vezes, perder a essência da motivação e objetivo da nossa luta, de tudo aquilo que um dia fez nosso coração bater mais forte e decidir por seguir um caminho em defesa da classe a que pertencemos, com compromisso e seriedade. Mas, para além disso, de defesa por um outro modelo de sociedade onde não haja exploração do homem pelo homem,

opressão, injustiças, desigualdade... Escolher por esse caminho nunca foi fácil. E alguém disse que seria? Mas precisamos manter nosso foco naquilo que realmente faz sentido. Estamos em um período onde a história nunca precisou tanto de nós! Independente do resultado das eleições, nossa luta continuará. Continuará porque essa conjuntura e o processo eleitoral estão longe de preencher e dar conta das necessidades concreta da nossa vida, da vida da população. Vamos permanecer na luta porque a luta que fazemos e as defesas que temos estão longe ainda de ser alcançadas por completo, infelizmente. E enquanto houver luta, estaremos nela!

Ângela Davis, em seu livro “Mulheres, Cultura e Política” reúne diversos discursos que foram proferidos por ela em semi-

nários e palestras pós sua prisão, há uns 30/40 anos atrás. O primeiro capítulo desse livro refere-se a uma palestra dada por ela em 1987 e conta sobre o processo eleitoral em que viviam nos EUA, muito parecido com o nosso. Lá ela diz “Por mais ampla que seja a divulgação de alguns casos de violência racista, muitos outros crimes motivados pelo racismo passam despercebidos por causa da incapacidade do sistema legal de classificá-los especificamente como tal. Uma pessoa que rabisque suásticas ou “KKK” nas paredes de um prédio residencial pode ser acusada apenas – caso de fato sejam feitas acusações criminais – de depredação do patrimônio ou vandalismo. Recentemente, um membro da Ku Klux Klan que queimou uma cruz na frente da casa de



uma família negra foi denunciado por fazer uma “fogueira sem licença”.

Quando li isso, paralisei. Qualquer semelhança seria mera coincidência com nossos dias atuais?

Ela continua dizendo:

“Não é uma coincidência que a violência motivada pelo sexismo – em especial, ataques terroristas contra clínicas de aborto – tenha atingido seu ápice no mesmo período em que a violência racista cresceu dramaticamente. Ataques violentos contra os direitos reprodutivos das mulheres são alimentados por essas manifestações de racismo. Os odiosos ataques contra lésbicas e gays são parte do mesmo processo de ameaças. As raízes do sexismo e da homofobia se encontram nas mesmas instituições econômicas e políticas que servem de base para o racismo neste país e, na maioria das vezes, os mesmos círculos extremistas que causam a violência contra as minorias étnicas são responsáveis pelas erupções de violência motivada por preconceitos sexistas e homofóbicos. Nosso ativismo político deve expressar evidentemente nossa compreensão dessas relações. DEVEMOS SEMPRE TENTAR ERGUER-NOS ENQUANTO SUBIMOS!”

Esse texto mudou minha vida e análise sobre a conjuntura que vivemos nessa semana. Parece óbvio e pode ser que já

saibamos disso, mas outras pessoas vieram antes da gente e já sofreram coisas muito semelhantes e piores do que temos vivido. Não quero com isso diminuir a nossa dor, nossa angústia e nosso medo – que são reais –, porém, olhar a resistência que houve antes de nós, nos fortalece. Nos fortalece em ver que não estamos sozinhos, nos fortalece porque sabemos que outras pessoas fizeram luta antes de nós, nos fortalece por sabermos também que esse não é o fim, e nos fortalece pra nos trazer novamente ao centro e objetivo central da nossa luta – do porquê estamos nela. Nunca fui tão desafiada e defender o que penso, meus princípios e defesas como nesses dias, onde o medo se colocou tão à minha frente e tentou me encarar, intimidar e silenciar por várias vezes. A essência da minha luta e da minha resistência veio de novo à tona. Nunca ninguém disse que escolher o lado da classe trabalhadora seria o mais fácil – ainda mais quando essa própria classe, sem nada, defende um candidato que quer tirar tudo e acabar com ela. Quanta contradição!

Sabe a conclusão disso tudo?

Todas as pessoas que vieram antes de nós tiveram medo (porque ele também faz parte), mas não se deixaram paralisar, porque firmaram sua esperança naquilo que realmente importa e faz sentido. Por-

que o medo também faz parte desse contexto de dominação deles sobre nós.

Que tenhamos força pra viver esses dias, sempre com nosso olhar no alvo, na esperança e com a cabeça erguida. Mas, pra além disso, que nesses dias, sejamos aqueles/as que erguem outras pessoas enquanto subimos. Esse tem que ser um compromisso nosso com os nossos. Nas palavras de Ângela Davis - “Enquanto nós continuamos a subir, erguemo-nos conosco nossos irmãos”. Nossa luta por igualdade precisa estar articulada/atrelada a levantar nossos pares. Se todas/os pensarmos assim, no momento que uma/um de nós estiver mais desanimada/o, sustentaremos nossa/o companheira/o, suportaremos – no sentido literal da palavra suporte. Sem pesar pra ninguém!

Uma/um sobe e levanta a outra/o – e assim nos fortalecemos pra lutar contra todo o fascismo, retrocessos, ódio, violência! Sem ter medo de adotar uma postura revolucionária, já que desejamos de fato, e acreditamos, em uma mudança radical desse modo de viver!

“A luta que se perde é a luta que se abandona” e a nossa luta NUNCA ABANDONAREMOS!

Tuane Almeida é assistente social.

